

O Convento de S. Francisco, hoje Academia Nacional de Belas-Artes da Faculdade de Arquitectura e da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, corre de novo o risco de mudar de «donos». Polícia e governo civil vão «herdá-lo».

Belas-Artes fogem à Polícia

Toda a gente foi apanhada de surpresa. Um despacho conjunto dos ministros de Administração Interna, das Finanças e de Educação e Cultura, de 7 de Janeiro de 1986, prevê a ocupação futura do edifício pelos serviços do governo civil e da Polícia de Segurança Pública, e a passagem da Academia Nacional de Belas-Artes da Faculdade de Arquitectura e da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa para outros edifícios.

Em causa um edifício que é já património histórico, e cuja construção inicial remonta ao século XIII, sofrendo sucessivas alterações à traça inicial com o passar dos séculos, sobretudo com o terramoto de 1775.

No tempo das guerras liberais, o Convento de S. Francisco escapou às determinações usuais para este tipo de edifícios, ou seja, a transformação em quartel, como aconteceu com quase todos os mosteiros e conventos por todo o País. A verdade é que, a partir de 1836, transformou-se em instituição Académica ligada ao ensino das artes e à protecção e estudo do Património Artístico Português.

Assim sendo, e entre outros argumentos, os alunos de Belas-Artes e Arquitectura, têm o da antiguidade em termos de permanência.

Alunos defendem Cultura

Perante o teor do despacho houve uma reacção imediata que se traduziu na criação de uma Comissão de Salvaguarda do Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa, que já começou a contactar com os ministérios responsáveis pela medida, tentando alterar o curso «histórico» do despacho.

Argumentam que, pelas suas funções culturais e pela sua riqueza histórica, o edifício, passando para um organismo para-militar, como é o caso da Polícia e do governo civil, vai tornar-se inacessível para toda a gente o que é pelo menos insólito em termos de administração de património público, embora não raro em países como Portugal.

Por outro lado, os alunos são parte de uma família cultural com raízes muito fundas no Chiado, onde funcionam a Companhia Nacional de Bailado, a Ópera, o Museu de Arte Contemporânea, e num eixo

mais alargado o Conservatório Nacional. Cada vez mais entregue ao sector terciário, o Chiado, dizem, descaracteriza-se e perde o seu carisma de pólo cultural tão intenso em épocas bem recentes.

Direcção do Património quer rendimento

No outro lado do quarteirão e em instalações que são parte do antigo convento, o governo civil e a Polícia ocupam já uma área importante no Chiado, na vizinhança do S. Carlos, em frente do qual estão constantemente estacionadas as viaturas da Polícia. Aliás é notório que a zona está estrangulada pelo tráfego, e que a própria Polícia não dispõe de estacionamentos suficientes, podendo em casos extremos perder grande parte da operacionalidade que se pode esperar.

Nas palavras do comissário Veríssimo, da PSP, estes organismos lutam com «manifesta falta de espaço», e novas instalações são bem vindas. Mas a verdade é que causa pelo menos um grande mal-estar o conhecimento de um paiol nas imediações de edifícios históricos (caso do S. Carlos) e num

centro tão movimentado...

O vice-presidente da Direcção de Património, prof. Justino Mendes de Almeida, diria a este respeito ao Semanário que as entidades oficiais estão perfeitamente conscientes da importância histórica e cultural do edifício mas a preocupação não é só recuperar monumentos históricos mas também torná-los rentáveis porque não somos um país tão rico que possa perder esses factores de vista.

Manuela Gonzaga

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Equipamentos - Instalações
Esc. sup. Belas-Artes Lisboa